

Homens de letras na província do Pará do século XIX: algumas considerações

Men of letters in the province of Pará of the 19th century: some considerations

*Alan Victor Flor da Silva**

RESUMO

Objetivamos, com este trabalho, demonstrar que escritores radicados na província do Pará durante o século XIX – todos à margem ou excluídos das histórias literárias – não estavam alheios às tendências literárias que se manifestavam nesse mesmo período tanto em nível nacional quanto internacional. Esses homens de letras, muito pelo contrário, mantinham-se muito atentos às estratégias de venda de livros e de circulação dos impressos, aos gêneros literários da moda que se conservavam no gosto do público-leitor da época e às discussões em torno das escolas literárias. Para tanto, este trabalho pautou-se sobretudo na pesquisa realizada em periódicos belenenses oitocentistas, como o *Diário de Belém*, *A Arena* e *A Província do Pará*, mas também em histórias literárias, dicionários, antologias, enciclopédias e periódicos de outras províncias do território nacional.

Palavras-chave: *produção literária; imprensa periódica; Belém do século XIX.*

ABSTRACT

We aim, with this work, to demonstrate that writers settled in the province of Pará during the 19th century – all on the fringes or excluded from literary histories – were not strangers to the literary tendencies that were manifested during the same period, both nationally and internationally. Quite the contrary, these men of letters were aware to the strategies of selling books and the circulation of printed material, to the literary genres of fashion that remained in the taste of the readership of the time, and to the discussions about literary schools. To this end, this work was mainly based on the research carried out in 19th century newspapers of Belém, such as *O Diário de Belém*, *A Arena* and *A Província do Pará*, but also in literary histories, dictionaries, anthologies, encyclopaedias and periodicals of other provinces of the country.

Key words: Literary production; periodic press; Belém from the 19th century.

* Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

A partir da pesquisa que realizamos em diversas histórias literárias, verificamos que Herculano Marcos Inglês de Sousa (1853–1918), João Marques de Carvalho (1866–1910) e José Veríssimo Dias de Matos (1857–1916) são os únicos escritores mencionados nessas obras que nasceram na

Amazônia durante o século XIX.¹ O estudo que desenvolvemos em dicionários,

¹ Para chegarmos a essa constatação, verificamos as seguintes histórias literárias elencadas em ordem cronológica: (1) *História da literatura brasileira*, de Sílvio Romero (1851–1914); (2) *História da literatura brasileira*: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908) (1916), de José Veríssimo (1857–1916); (3) *Pequena história da literatura brasileira* (1919), de Ronald de Carvalho (1893–1935); (4) *História da literatura brasileira* (1938), de Nelson Werneck Sodré (1911–1999); (5) *História da literatura brasileira*: Prosa de ficção (de 1870 a 1920) (1950), de Lúcia Miguel Pereira (1901–1959); (6) *História da literatura brasileira* (1955), de Antônio Soares Amora (1917–1999); (7) *A literatura no Brasil* (1955–1959), organizada por Afrânio Coutinho (1911–2000); (8) *Formação da literatura brasileira*: momentos decisivos (1962), de Antonio Candido (1918–2017); (9) *História concisa da literatura brasileira* (1970), de Alfredo Bosi (1936); (10) *Breve história da literatura brasileira*: de Anchieta a Euclides (1977), de José Guilherme Merquior (1941–1991); (11) *História da literatura brasileira* (1983–1989), de Massaud Moisés (1928–2018); (12) *História crítica do romance brasileiro* (1987), de Temístocles Linhares (1905–1993); (13) *Breve história da literatura brasileira* (1995), de Érico Veríssimo (1905–1995); (14) *Literatura brasileira*: dos primeiros cronistas aos últimos românticos (1995), de Luiz Roncari (1945); (15) *História da literatura brasileira* (1997), de Luciana Stegagno-Picchio (1920–2008); (16) *A literatura brasileira*:

enciclopédias e antologias, no entanto, revelou que Inglês de Sousa, depois de ter saído da região onde nasceu aos onze anos de idade, nunca mais retornou para a terra natal, assim como a pesquisa em histórias literárias evidenciou José Veríssimo mais como crítico e historiador da literatura do que como ficcionista e Marques de Carvalho, por sua vez, como um escritor naturalista sem importância nem para o desenvolvimento da produção literária amazônica nem tampouco para a evolução da literatura brasileira.² A partir dessa pesquisa realizada em histórias literárias, poderíamos, então, pensar que na região amazônica durante o século XIX não havia homens de letras nem produção literária?

Segundo Márcio Souza (2014), havia um considerável número de escritores que se dedicaram à atividade literária na Amazônia durante o século XIX, sobretudo a partir do período áureo da economia da borracha, mas, em meio a esses autores, apenas Inglês de Sousa pode ser considerado como um escritor importante e representativo. Os demais autores conterrâneos e contemporâneos a Inglês de Sousa, em contrapartida, foram considerados por Márcio Souza como pouco dignos de apreço, pois não possuíam leitores, reforçaram a sociedade da troca do favor e contrastavam com os colegas de ofício do Rio de Janeiro, que exerciam no mesmo período a atividade literária com muito pouco profissionalismo.

Inglês de Sousa, no entanto, embora tenha nascido na província do Pará e também tenha ambientado todas as obras que produziu na Amazônia, saiu, como já mencionamos anteriormente, da região mais ao norte do país aos onze anos de idade e nunca mais retornou para a terra natalícia. O romancista e contista paraense, com efeito, construiu um nome no cenário literário em São Paulo e, principalmente, no Rio de Janeiro, onde publicou livros, criou laços e construiu relações com outros homens de letras, a exemplo de Sílvio Romero. Quem eram, então, os escritores “menores” e “sem leitores”, de acordo com Márcio Souza, que permaneceram na Amazônia durante o século XIX e exerceram a atividade da produção literária?

A catalogação que realizamos também em dicionários, enciclopédias e antologias, com efeito, demonstrou um número um pouco mais expressivo de autores nascidos e/ou radicados na região amazônica durante o Oitocentos origens e unidade (1500-1960) (1999), de José Aderaldo Castello (1921-2011); (17) *História da literatura brasileira* (2011), de Carlos Nejar (1939). Essas histórias literárias, de modo geral, foram escritas em contextos históricos diferentes e com pressupostos teórico-metodológicos distintos. 2 Enquanto Inglês de Sousa apresenta uma posição de destaque em 80% das histórias literárias pesquisadas em meio à ficção naturalista pelo conjunto da obra: *O Cacaquista* (romance, 1876), *História de um pescador* (romance, 1876), *O coronel Sangrado* (romance, 1877), *O missionário* (romance, 1891) e *Contos amazônicos* (contos, 1893), José Veríssimo é apenas referido ao menos uma única vez e quase sempre em nota de rodapé em 40% desses mesmos compêndios como autor das *Cenas da vida amazônica* (contos, 1886). Marques de Carvalho, por sua vez, embora tenha publicado inúmeras obras em vida, como *O sonho do monarca* (poemeto, 1886), *Lavas* (poemeto, 1886), *Paulino de Brito* (crítica, 1887), *O livro de Judite* (poesias e contos infantis, 1889), *Contos paraenses* (contos, 1889), *Entre as ninfeias* (contos e crônicas, 1896), *A carteira de um diplomata* (autobiografia, 1899) e *Contos do Norte* (contos, 1900), é também mencionado em 40% das histórias literárias estudadas apenas pela autoria da *Hortência* (romance, 1888), sempre em meio a um conjunto de autores naturalistas considerados sem importância para a constituição da literatura brasileira.

que se dedicaram tanto à imprensa periódica quanto à produção literária. Esses escritores, porém, não obtiveram visibilidade nacional nem tampouco alcançaram um lugar no cânone da literatura brasileira.³

A partir, porém, da pesquisa que empreendemos em periódicos belenenses oitocentistas, podemos afirmar que havia pelo menos um número significativo de escritores na Amazônia paraense interessados em produzir diversos gêneros literários – a exemplo da poesia, do conto e do romance – e, sobretudo, empenhados em construir uma expressiva literatura na região que alcançasse visibilidade nacional. Esses autores, de modo geral, estavam atentos às principais tendências literárias da época, tanto em outras províncias do Brasil, especialmente na Corte, quanto em outros países, como Portugal e França.

Como pretendemos discutir a produção literária na província do Pará durante o século XIX, não nos restringimos aos autores que nasceram nessa parte do país e depois se radicaram em outras províncias brasileiras, a exemplo de Inglês de Sousa, cuja produção literária, disponível tanto em periódicos quanto em livros, foi publicada em Recife, Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, cidades onde o ficcionista paraense residiu (FERREIRA, 2015). Limitamo-nos, com efeito, aos escritores que, independentemente de terem nascido na província do Pará ou em outras partes do país, fixaram residência nessa parcela mais ao norte do território brasileiro por alguns anos e contribuíram para o desenvolvimento das letras na Amazônia paraense com a publicação de obras em volume e/ou com produções literárias originais para a imprensa periódica belenense oitocentista.

Entre periódicos e livros

Assim como no restante do país durante o século XIX, nenhum escritor radicado na província do Pará viveu apenas da própria pena. Paralelamente ao ofício da atividade de escrita literária, todos – sem exceção – exerciam outras funções. A partir das biografias desses autores encontradas em dicionários, enciclopédias e antologias, observamos, por exemplo, que esses literatos dedicados ao cultivo das letras na província do Pará, muitas vezes, também eram jornalistas, professores, advogados, médicos, políticos, militares e funcionários públicos.

Como a publicação de livros era uma façanha árdua e cara, o jornal era o meio mais acessível para que esses escritores durante o final do Oitocentos divulgassem aos leitores os escritos provenientes das próprias penas. Novamente

3 Para obtermos esses nomes em coleções biobibliográficas e antologias, realizamos pesquisa nas seguintes obras: *Dicionário bibliográfico brasileiro* (1883–1902), de Augusto Victorino Alves Sacramento Blake (1827–1903); *Dicionário literário brasileiro* (1969), de Raimundo de Menezes (1903–1984); *Enciclopédia de literatura brasileira* (1990), de Afrânio Coutinho (1911–2000) e José Galante de Sousa (1913–1986); *Antologia amazônica* (1904), de José Eustáquio de Azevedo (1867–1943); *Lira amazônica* (1965), de Anísio Thaumaturgo Soriano Mello (1927–2010); *Seleção literária do Amazonas* (1966), de José dos Santos Lins (?–?); *Grande enciclopédia da Amazônia* (1868) e *Antologia da cultura amazônica* (1970), de Carlos Alberto Rocque (1938–2000); *Introdução à literatura no Pará: antologia* (1990–1997), de Clóvis Olinto de Bastos Meira (1917–2002), José Favacho Soeiro Ildone (1942) e Acyr Paiva Pereira de Castro (1934–2016).

a partir da pesquisa realizada em dicionários, enciclopédias e antologias, pudemos observar, por exemplo, que alguns desses autores nunca chegaram a publicar um único livro sequer, assim como Antônio Marques de Carvalho, Frederico Rhossard e Guilherme de Miranda.

No Brasil, sabemos que a imprensa periódica foi responsável pela divulgação da produção literária de muitos escritores no decorrer do século XIX. Até mesmo autores que alcançaram posteriormente um estatuto canônico chegaram a publicar poemas, crônicas, contos e romances primeiramente nas páginas de jornais e revistas para depois editá-los em livro, a exemplo de Teixeira e Sousa, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Visconde de Taunay, Machado de Assis, Raul Pompéia e Aluísio de Azevedo (NADAF, 2009).

Seguindo a mesma tendência que se arrolava no restante do Brasil, diversos escritores estabelecidos na província do Pará sobretudo durante as duas últimas décadas do século XIX também deixaram uma parte significativa da sua produção literária lançada em periódicos. Na Belém do Oitocentos, a imprensa sempre foi uma forte aliada para quem tinha a pretensão de se aventurar pelo caminho das letras, pois era o meio mais acessível para que esses jovens escritores pudessem se tornar conhecidos e, ao mesmo tempo, conseguissem divulgar criações literárias dos mais variados gêneros, como poemas, crônicas, contos e romances.

Apesar da dificuldade, alguns escritores residentes na província do Pará no século XIX empenharam-se em lançar obras em volume. A partir da pesquisa realizada tanto em dicionários, enciclopédias e antologias quanto em periódicos belenenses oitocentistas, foi possível conhecermos alguns desses literatos que chegaram a realizar a façanha de publicar trabalhos literários em livro. Elaboramos, portanto, a tabela a seguir para oferecermos um breve panorama acerca da produção poética e ficcional publicada em volume de autores localizados na região amazônica paraense durante o século XIX. Ei-la:

ANO	TÍTULO	AUTOR
1868	Monodias (poesias)	Francisco Ferreira Vilhena Alves (1847-1912)
1869	Arpejos poéticos (poesias)	Carlos Hipólito de Santa Helena Magno (1848-1882)
1870	Piraustas (poesias)	Júlio César Ribeiro de Souza (1843-1887)
1877	Pirilampos (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares (1850-1907)
1883	Tentativas literárias (romances)	Paulino de Almeida Brito (1858-1919) Teodorico Francisco de Assis Magno (1866-1885)
	A bebedeira (poema)	Paulino de Almeida Brito

1884	Crepusculares (poesias)	Múcio Javrot (?-1904)
1886	Cenas da vida amazônica (contos)	José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916)
	Sonho do monarca (poemeto abolicionista)	João Marques de Carvalho (1866-1910)
	Lavas (poemeto-carta ao Pará)	João Marques de Carvalho
1887	A viola de Joana (versos populares)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1888	Noites em claro (poesias)	Paulino de Almeida Brito
	Numa pétala de rosa (poesia)	João de Deus do Rêgo (1868-1902)
	Primeiras rimas (poesias)	João de Deus do Rêgo
	Orquídeas (poesias)	José Eustáquio de Azevedo (1867-1943)
	Hortência (romance)	João Marques de Carvalho
1889	Versos antigos e modernos (poesias)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	O livro de Judite (poesias e contos infantis)	João Marques de Carvalho
	Contos paraenses (contos)	João Marques de Carvalho
1892	Contos (contos)	Paulino de Almeida Brito
	Musa republicana (poema)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1893	A vida na roça (poesias e contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1895	Coisas profanas (poesias)	Acrísio Mota (1866-1907)
1896	Entre as ninfeias (contos e crônicas)	João Marques de Carvalho
	Casos e mais casos (contos)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
	A viúva (romance)	José Eustáquio de Azevedo
1897	Serões de mãe preta (contos para crianças)	Luiz Demétrio Juvenal Tavares
1900	Contos do Norte (contos)	João Marques de Carvalho
	Cantos amazônicos (poesias)	Paulino de Almeida Brito
1902	Histórias e aventuras (contos)	Paulino de Almeida Brito
1905	Últimas rimas (poesias)	João de Deus do Rêgo

1908	Fadas e lobisomens (histórias infantis)	Acrísio Mota
------	--	--------------

Tabela 1: Obras assinadas por escritores paraenses e lançadas em volume durante a segunda metade do século XIX.

As *Tentativas literárias*, por exemplo, foram o primeiro projeto de publicação de prosa de ficção em livro empreendido por escritores radicados na província do Pará a ser divulgado nas páginas de periódicos que circularam pela capital paraense durante o século XIX. Essa obra impressa reunia dois romances que saíram à luz primeiramente no rodapé do *Diário de Belém*, como “O homem das serenatas”, de Paulino de Brito, e “Por causa de uma loucura”, de Teodorico Magno. Esses trabalhos foram concluídos, respectivamente, em 5 e 9 de março de 1882 e, a partir do mês de setembro do mesmo ano, o *Diário de Belém* começou a divulgar um anúncio com a informação de que esses “romances de costumes paraenses” sairiam à luz brevemente num elegante volume com cerca de trezentas páginas e sob regime de subscrição à razão de 2\$000 cada exemplar.⁴

Segundo Ubiratan Machado (2010), a subscrição era uma outra maneira de editar livros no Brasil utilizada por muitos escritores, a exemplo de Joaquim Manoel de Macedo, Casimiro de Abreu e Manuel Antônio de Almeida. Quando tomavam conhecimento de que uma determinada obra estava sendo vendida por regime de subscrição, os interessados em adquiri-la assinavam uma lista e efetuavam antecipadamente o pagamento para logo garantir a aquisição de um exemplar. Assim que a quantidade de subscritores se igualava ao número de exemplares previamente estipulados para a edição, a obra entrava para o prelo. Se, por acaso, a soma de assinaturas não alcançasse o quantitativo de exemplares antecipadamente acertados, quem pagava a diferença era o próprio autor. Para, então, chamar a atenção dos presumíveis assinantes, os escritores publicavam anúncios em periódicos e, por meio desses reclames, informavam aos leitores geralmente o título e o gênero da obra, o valor da subscrição e os locais onde se encontravam as listas de assinaturas. Dessa forma, o autor não pagava pelo valor integral referente à impressão dos exemplares da sua obra, evitava o risco de um investimento sempre incerto e ainda garantia antecipadamente o seu lucro.

Percebemos, portanto, que Paulino de Brito e Teodorico Magno se propuseram a lançar “O homem das serenatas” e “Por causa de uma loucura” em volume pelo regime de subscrição. Os romancistas convocaram os assinantes a partir da publicação de anúncios no *Diário de Belém* e, por meio desse sistema de assinaturas, obtiveram posteriormente a edição das *Tentativas literárias*.

No dia 3 de setembro de 1882, a mesma folha, por exemplo, publicou também uma nota sobre o lançamento logo em breve do livro que reuniria as “publicações literárias” de Paulino de Brito e Teodorico Magno.⁵ Nessa nota, o

4 O mesmo anúncio referido sobre os romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno foi reproduzido por mais de trinta vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 5 de setembro e 8 de dezembro de 1882.

5 É interessante frisarmos que a publicação dos romances de Paulino de Brito e Teodorico Magno num mesmo volume causou certa confusão para alguns dicionaristas e determinados

periódico noticiou o sucesso que essas produções, quando estavam ainda sendo divulgadas em fascículos no rodapé do jornal, causaram nos leitores. Vejamos: “O interesse que tais produções inspiraram aos nossos leitores e os constantes pedidos feitos a esta redação por aqueles que ligam suma importância a tal gênero de trabalho levaram os seus autores [...] a empreender este tentame arrojado”. No final do ano seguinte, o mesmo jornal começou a publicar outro anúncio que comunicava aos leitores dessa vez a venda das *Tentativas literárias* no Livro de Ouro, um estabelecimento comercial localizado em Belém de propriedade de José Secundino & Monteiro associado ao ramo de negócio da tipografia e encadernação.⁶

Na Amazônia paraense, não foram apenas Paulino de Brito e Teodorico Magno que recorreram ao regime de subscrição para publicar as suas produções literárias em volume. Por meio dessa estratégia de publicação, Múcio Javrot também conseguiu lançar em 1884 uma coleção de poesias intitulada *Crepusculares*. Do mesmo modo, Marques de Carvalho, por meio dessa tática de impressão, tentou editar nesse mesmo ano o romance intitulado *Os laços indissolúveis*, mas não obteve êxito, pois não encontramos em periódicos que circularam nesse período pela capital paraense, nem tampouco nas biografias do autor disponíveis em dicionários, enciclopédias e antologias, nenhuma notícia ou qualquer informação de que essa obra havia saído à luz.

Apesar das dificuldades encontradas para desenvolver a atividade da escrita literária na própria região onde se estabeleceram, alguns escritores que fixaram residência na Amazônia paraense durante o final do século XIX empenharam-se também para possivelmente adquirir alguma projeção nacional. Para tanto, enviavam os livros recentemente lançados aos jornais que circularam não apenas em Belém, como também em outras partes do Brasil. Esses periódicos, em contrapartida, divulgavam notas em agradecimento pela oferta das obras e, algumas vezes, publicavam ensaios críticos sobre esses trabalhos.

Paulino de Brito e Teodorico Magno, por exemplo, foram alguns escritores radicados na província do Pará que remeteram as *Tentativas literárias* a vários jornais de diferentes regiões do país, sobretudo do Rio de Janeiro, pois alguns periódicos emitiram notas em agradecimentos pela oferta do livro assinado por esses dois escritores. No dia 16 de junho de 1883, o *Diário de Pernambuco*, jornal publicado em Recife, anunciou o recebimento dessa obra e agradeceu pelo exemplar com o qual foi mimoseado. Vejamos:

Do Pará, onde foi publicado, recebemos um volume de 256 páginas contendo dois interessantes romances intitulados: um,

antologistas quando escreveram uma pequena biografia sobre o primeiro autor. Sacramento Blake, no *Dicionário bibliográfico brasileiro*, e Anísio Melo, na *Lira amazônica*, por exemplo, atribuíram ao escritor amazonense a autoria tanto de “O homem das serenatas” quanto de “Por causa de uma loucura”.

6 Esse outro anúncio sobre a venda das *Tentativas literárias* foi reproduzido por mais de quinze vezes e exibido no *Diário de Belém* entre 14 de novembro e 12 de dezembro de 1883.

o *Homem das Serenatas*, pelo Sr. Paulino de Brito; o outro, *Por causa de uma loucura*, pelo Sr. Dr. Teodorico Magno.

Posto que sejam ambos os primeiros frutos literários dos seus autores, recomendam-se ambos como trabalhos conscienciosos, e ambos auguram futuro lisonjeiro para os moços que os elaboraram, e os deram em primeira edição no *Diário de Belém*, onde viram a luz em folhetins, geralmente apreciados.

Agradecemos o mimo que recebemos de um exemplar.

As *Tentativas literárias* também receberam notas em agradecimento pela oferta da obra e às vezes apreciações críticas em periódicos do Rio de Janeiro, como *O Apóstolo* (em 24 de outubro de 1883), *Gazeta da tarde* (18 de novembro de 1883) e *Diário do Brasil* (24 de novembro de 1883). Além das *Tentativas literárias*, outras obras assinadas por escritores paraenses receberam em periódicos de diferentes partes do país, sobretudo na Corte, notas em agradecimento pela oferta da obra e alguns julgamentos críticos, a exemplo das *Noites em claro* e dos *Cantos amazônicos*, de Paulino de Brito; *O sonho do monarca*, *Lavas e Hortência*, de Marques de Carvalho. Assim como Paulino de Brito e Marques de Carvalho, Juvenal Tavares e José Eustáquio de Azevedo são outros exemplos de escritores na Amazônia paraense que também enviaram as recentes publicações literárias derivadas das próprias penas para jornais de outras regiões do Brasil, pois encontramos notas em agradecimento pela oferta de livros assinados por esses dois autores em periódicos que circularam no século XIX tanto no Rio de Janeiro quanto em Recife.

Nesses mesmos jornais de outras partes do Brasil onde localizamos as notas em agradecimento pela oferta das obras e os ensaios críticos aludidos, não encontramos, infelizmente, anúncios sobre a venda de livros derivados da pena de escritores radicados na província do Pará, nem mesmo cartas de leitores a respeito dessas publicações, para afirmarmos que essas obras noticiadas em periódicos publicados em distintos lugares do território brasileiro circularam efetivamente nas demais províncias do Brasil e, dessa maneira, estavam também disponíveis aos leitores estabelecidos em outras regiões do país. No entanto, essas notícias sobre a oferta de exemplares de obras assinadas por alguns autores localizados na Amazônia paraense a periódicos de diferentes partes da circunscrição nacional, sobretudo do Rio de Janeiro, se não atestam a efetiva circulação desses livros para além dos limites da província do Pará, pelo menos demonstram o empenho empreendido por esses autores em tentar colocar tais publicações em trânsito pelo território brasileiro com o intuito de alcançarem possivelmente alguma projeção nacional.

Convém ressaltarmos, porém, que o envio de livros para as redações de periódicos de outras partes do território nacional não era uma prática executada

apenas por escritores que fixaram residência na província do Pará. A pesquisa realizada em jornais que circularam por distintas cidades do território nacional demonstrou que muitos autores brasileiros durante o século XIX provenientes de outras regiões, a exemplo de Inglês de Sousa e Machado de Assis, procuraram obter algum benefício a partir desse recurso. Tal fato, no entanto, insinua que muitos escritores radicados na província do Pará estavam atentos aos recursos utilizados na época pelos pares de outras regiões do país para conseguir projeção nacional no âmbito das letras.

O romance-folhetim

A tentativa de publicação de livros por meio do regime de subscrição e o envio de exemplares das obras impressas em volumes para periódicos de outras partes do território brasileiro não eram as únicas práticas muito recorrentes no século XIX em nível nacional e internacional adotadas por escritores radicados na província do Pará. O romance-folhetim, um gênero bastante cultivado nesse período tanto na Europa quanto na América Latina, foi produzido também por escritores localizados na Amazônia paraense para serem lançados originalmente em periódicos belenenses oitocentistas.⁷ Não estamos, portanto, nos referindo a romances traduzidos nem extraídos das páginas de jornais de diferentes partes do país ou das páginas de livros, prática muito comum na imprensa periódica da capital paraense a partir da segundo metade do século XIX.

Paulino de Brito, Teodorico Magno, Marques de Carvalho e Múcio Javrot, por exemplo, foram alguns autores residentes na Amazônia paraense que publicaram romances na imprensa periódica belenense oitocentista. Elaboramos, portanto, a tabela a seguir para oferecermos um panorama sobre a publicação de romances produzidos por escritores radicados na província do Pará e publicados em periódicos que circularam pela capital paraense da época. Ei-la:

Título	Autor	Local de publicação (coluna e jornal)	Período	Número de fascículos encontrados	Situação
O homem das serenatas	Paulino de Brito	Folhetim do Diário de Belém	1º de janeiro a 5 de março de 1882	18	Finalizado
Por causa de uma loucura	Teodorico Magno	Folhetim do Diário de Belém	5 de janeiro a 9 de março de 1882	24	Finalizado
Através do desconhecido: o romance da terra	Múcio Javrot	Folhetim do Diário de Belém	27 de agosto de 1882 a 28 de janeiro de 1883	23	Não finalizado

7 Como afirmamos anteriormente, os escritores radicados na Amazônia paraense também se dedicaram na imprensa periódica belenense oitocentista à produção de outros gêneros, como a poesia e o conto.

Ângela	Marques de Carvalho	Variedade do Diário de Belém	17 de novembro de 1883 a 13 de setembro de 1884	27	Finalizado, mas com algumas interrupções
A leviana: história de um coração	Marques de Carvalho	Folhetim da Província do Pará	25 de março a 4 de agosto de 1885	38	Não finalizado
Maria Clara	Pontes de Carvalho	Folhetim da Província do Pará	10 de fevereiro a 8 de março de 1887	18	Não finalizado
O pajé	Marques de Carvalho	Folhetim da República	18 de janeiro a 20 de fevereiro de 1887	23	Não finalizado

Tabela 2: Romances assinados por escritores paraenses e publicados na imprensa periódica belenense oitocentista.

O romance de Paulino de Brito, por exemplo, demonstra claramente que o autor amazonense estava atento às produções contemporâneas desse gênero, pois “O homem das serenatas” apresenta todas as principais características do romance-folhetim, como o apelo ao suspense, a presença de um narrador intruso, a constituição plana e estereotipada das personagens e a forte influência do melodrama.

Em relação ao apelo ao suspense, não são poucos os fascículos do romance de Paulino de Brito que são encerrados exatamente num momento do enredo de grande expectativa, tática responsável por induzir a curiosidade do leitor e, por conseguinte, convencê-lo a adquirir o número seguinte do jornal para poder ter acesso à continuação da narrativa folhetinesca. Já no primeiro fascículo da narrativa de Paulino de Brito, Berta, a protagonista, encontrava-se sozinha em seu quarto perdida em pensamento quando estremeceu com algo que pareceu ouvir. Depois dessa informação, veio a famosa expressão “continua”. O que Berta, então, havia ouvido para lhe desviar dos próprios pensamentos acerca dos acontecimentos desagradáveis daquela noite e ainda para lhe provocar algum estremecimento? O leitor apenas pôde obter essa resposta no número seguinte do jornal. No fascículo subsequente, o leitor descobriu que Berta “julgara ouvir uns acordes vagos e suaves como um prelúdio de harpa longínqua. Àquelas horas, quando o astro da inspiração derramava pelo céu a sua claridade poética, aqueles sons tinham a doçura de uma harpa eólia”. Depois de algum tempo, o instrumento parou de emitir notas, mas logo em breve voltou novamente a vibrar, só que “agora era um verdadeiro prelúdio: uma voz de tenor, melodiosa, extensa, apaixonada, quebrou o silêncio da noite”. Depois de um fragmento da letra da música em italiano entoada pelo cantor misterioso, o leitor se deparou mais uma vez com a expressão “continua”. Diante do final desse fascículo, é muito provável que os apreciadores do gênero tenham realizado a seguinte

interrogação: quem era o dono daquela voz estonteante que perturbou a pequena Berta?

A partir desse momento, o suspense em relação à verdadeira identidade do cantor misterioso seria mantido até os últimos fascículos do romance de Paulino de Brito. O homem das serenatas, como assim passou a ser denominado durante toda a narrativa o cantor misterioso, tornou-se o principal assunto na vizinhança e nas rodas de discussão. Todas as personagens na obra, de modo geral, queriam saber quem era a figura desconhecida que vinha à noite realizar serenatas em frente à casa de Berta.

No romance de Paulino de Brito, o narrador também age de diversas maneiras na construção da tessitura da narrativa. Em primeiro lugar, esse elemento presente na trama projeta um leitor atento a todos os pormenores da história, habilidoso em rememorar todas as situações já transcorridas no enredo e sagaz com capacidade suficiente de intuir os acontecimentos seguintes. No segundo capítulo da obra de Paulino de Brito, por exemplo, a protagonista Berta, no dia posterior à aparição do homem das serenatas, arrumava-se para o almoço enquanto pensava: “– Virá ele ainda está noite?”. Após o pensamento da heroína, o narrador pressupôs que o leitor já sabia a quem a protagonista estava se referindo: “Este *ele*, o leitor já o terá adivinhado, era o cantor noturno da véspera; era a única preocupação de Berta: foi o seu último pensamento antes de dormir, foi a imagem que lhe povoou os sonhos e foi a sua primeira ideia ao despertar”.

O narrador, em segundo lugar, também emite juízos em relação aos acontecimentos ocorridos na trama do romance de Paulino de Brito. Num determinado momento dessa narrativa, por exemplo, surgiram em meio a conversas entre alguns personagens comentários referentes a um boato que estava circulando na cidade de Belém sobre um possível casamento entre Berta, a heroína, e Anacleto, o vilão. Depois dessas conversas, quem narra a história dirige-se a quem a está lendo: “Mas, perguntará o leitor, este absurdo boato de casamento de Berta com Anacleto terá algum fundamento?”. Logo após a essa pergunta, o narrador prontificou-se a respondê-la e, em seguida, teceu comentários a respeito da situação e dos sentimentos da heroína, assim como também das decepções pelas quais a menina havia passado:

Tem, respondeu eu, Anacleto frequenta agora assiduamente a casa de Luiz, e a filha deste, a nossa heroína, já não vota ao pedante o mesmo desprezo antigo, e ao contrário toda a sua antipatia por ele mudou em benevolência: Berta ama Anacleto; pelo menos ela assim acredita, e as outras pessoas acreditam ainda mais do que ela.

Quanto ao modo porque se operou esta transformação em seu espírito, nem eu nem ninguém poderá explicá-lo. [...]

Berta sofrera uma desilusão tremenda. A amargura que se lhe derramara na alma era incalculável.

Efetivamente, o destino parecia conspirar para acabrunhá-la de decepções.

Seu coração tinha duas atrações que o solicitavam com igual força, uma para o *homem das serenatas*, outra para o pintor Alberto. Mas eis que um dia descobre no primeiro o tolo do Anacleto, e o segundo, que devia ficar senhor absoluto do seu coração, patenteia-se-lhe logo depois como um indivíduo vulgar, completamente diverso do que ela imaginara, e que de mais a mais não a amava.

Em terceiro lugar, o narrador de Paulino de Brito estabeleceu em determinados momentos da narrativa uma relação de intimidade com o leitor para muito além dos limites estabelecidos entre quem conta a história e quem a lê. Essa figura de grande relevo nos romances do século XIX demonstra na produção ficcional do escritor amazonense a explícita intenção de transportar juntamente consigo os apreciadores do romance para o interior da trama e colocá-los também como espectadores dos acontecimentos que se passam no centro do enredo. Nesse sentido, o narrador comporta-se como se fosse um amigo camarada colocando o braço no ombro do leitor, apontando para as personagens com o dedo indicador e descrevendo com copiosos detalhes todos os acontecimentos a rodeá-los. O nono capítulo, por exemplo, foi destinado à realização de uma festa em comemoração ao aniversário da menina Berta. Nesse momento quase final da história, o suspense crucial será desvendado: a identidade do homem das serenatas será finalmente revelada e Anacleto, o vilão, será desmascarado. Antes, no entanto, dessas revelações, o narrador explicitou no início do capítulo a proposta de apresentar ao leitor que o acompanha as personagens então presentes na festa. Vejamos:

Vou apresentar algumas dessas pessoas ao leitor.

Vê aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão? É Luiz.

Ao pé dele está uma senhora um tanto gorda e um tanto madura, mostrando, porém, ainda vestígios de uma rara beleza. É D. Ana, sua mulher e mãe de Berta.

Junto a eles está um rapaz dos seus 25 anos de idade, de estatura e corpo medianos, cara comprida e um tanto amarela, cabelos penteados com todo o primor, bigodes retorcidos e apontados como duas lancetas, calças que não deixariam ver os pés se estes não ultrapassassem um pouco as raias do comum,

enormes botões de brilhantes nos punhos e no peito, uma rosa imensa na casa do croisé muito justo ao corpo e um pince-nez cavalgado sobre o nariz, que pelo seu lado se esforça para não ser pequeno. Este tipo conversa com Luiz e D. Ana e gesticula animadamente, fazendo ao mesmo tempo repetidas e ridículas medidas. É... O leitor já adivinhou quem é.

Fazem parte também deste grupo uma senhora idosa, um velho raquítico e umas moças excessivamente enfeitadas: são os pais e as irmãs de D. Marocas.

Lança a vista para outro lado, leitor. Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá? Uma é alva como um jasmim, tem cabelos castanhos e anelados, olhos negros e cismadores; é muito esbelta e elegante, e está vestida com simplicidade. Outra é um tipo essencialmente brasileiro: olhos e cabelos muito negros, tez morena, estatura um tanto abaixo da mediana: ri muito e a propósito de tudo; mas contra o adágio, que diz ser o riso abundante na boca dos tolos, ela de tola não tem nada. A primeira destas moças, que são ambas muito lindas, é a nossa Berta; a segunda é a D. Marocas.

A partir desse excerto, é possível verificarmos que o narrador, por meio do emprego de verbos na segunda pessoa do singular, dirige-se ao leitor como se ambos estivessem presentes lado a lado na festa de aniversário de Berta do mesmo modo que quaisquer outros convidados e tivessem uma visão privilegiada de todas as personagens.⁸ Como podemos também perceber, a conjugação dos verbos principalmente no presente do indicativo nessa parte específica da narrativa resulta numa atualização da ação e, por essa razão, transmite a ideia de que o evento na casa da protagonista está ocorrendo no momento em que o leitor está lendo esse segmento do romance de Paulino de Brito.⁹

No romance de Paulino de Brito, a tríade de personagens típicas do melodrama e do romance-folhetim também é muito bem demarcada. Berta, Anacleto de Almeida e Alberto de Andrade representam, respectivamente, a vítima, o vilão e o herói. Berta é uma doce menina que reunia uma quantidade variada de predicados, mas, apesar de ser instruída e inteligente, foi enganada por Anacleto e quase correu o risco de casar-se com esse toleirão. O rapaz fingiu ser o sujeito misterioso que vinha lhe oferecer serenatas debaixo das

8 As marcas da segunda pessoa do singular estão presentes, por exemplo, na conjugação do verbo “ver” na segunda pessoa do imperativo afirmativo. Exemplo: “Vê [tu] aquele sujeito baixo, cheio de corpo, de bigodes grisalhos, com a cara cheia de sinais de bexigas e respirando um ar bonachão?”. As mesmas marcas podem ser encontradas também na conjugação do verbo “lançar” na segunda pessoa do imperativo afirmativo e do verbo “ver” na segunda pessoa do presente do indicativo. Exemplo: “Lança [tu] a vista para outro lado, leitor. [Tu] Não vês duas moças a conversarem sentadas naquele sofá?”.

9 Convém ainda ressaltarmos que “O homem das serenatas” foi predominantemente escrito com os verbos conjugados nos tempos do pretérito.

janelas do quarto da protagonista com a intenção de realizar um casamento com a filha de um rico negociante. Anacleto, contudo, não apenas foi capaz de enganá-la, como também era uma figura que destoava em diversos aspectos da personalidade de Berta, pois, assim como os vilões do melodrama, incorporava uma série de vícios, a exemplo da ganância, da vaidade, da frivolidade, da hipocrisia, da arrogância e da ignorância. Em contraste ao vilão do romance de Paulino de Brito, Alberto apresentava qualidades condizentes com o perfil dos heróis de narrativas folhetinescas, visto que representava a personificação das virtudes, como a benevolência, a integridade, a profundidade, a humildade, o respeito, a sabedoria e o desapego. Além de ser extremamente virtuoso, o pintor também representava o herói porque salvou a menina Berta de realizar um casamento com Anacleto, um homem pelo qual não sentia amor, mas sim aversão. Em razão do perfil do antagonista, essa união estava predestinada ao fracasso e conduziria a protagonista certamente à infelicidade.

É válido expressarmos também que Alberto é um herói que age e às vezes renuncia a si mesmo em favor da vítima. Embora tivesse se apaixonado verdadeiramente por Berta, abdicou do amor que a protagonista lhe devotava para que a menina não sofresse, visto que o pintor já estava com a partida marcada muito em breve para a Europa. Depois de ter percebido, porém, que havia liberado o caminho para que Anacleto se aproximasse de Berta, elaborou um plano para desmascarar a mentira do vilão. Alberto, no entanto, não planejou revelar a farsa do impostor para conseguir de volta como recompensa o amor e a admiração da heroína, mas sim apenas para salvá-la de um casamento certamente infeliz, sem que obtivesse nenhum benefício com o seu ato heroico. Esse fato pode ser confirmado quando o pintor, depois de ter-se revelado como o homem das serenatas, aproveitou-se da confusão em torno do desmaio de Berta para levantar-se e retirar-se sem ter sido percebido. Antes de sair, lançou um olhar indecifrável para o corpo inanimado da única mulher que amou e despedia-se da menina para sempre. No dia seguinte, partiu com o coração despedaçado num vapor que seguia para a Europa. Convém elucidarmos ainda que Alberto também abdicou do amor de Berta porque não possuía prestígio social nem fortuna e, por essa razão, não queria que ninguém o julgasse erroneamente como um rapaz interessado na fortuna do pai da moça. O pintor, portanto, preocupava-se muito em preservar a própria índole e a própria imagem.

Nesse sentido, o romance de Paulino de Brito foi escrito aos moldes do romance-folhetim, gênero cultivado por vários autores e consumido por inúmeros leitores dos mais distintos segmentos sociais, tanto na Europa quanto na América Latina. Tal fato, portanto, demonstra que o autor amazonense, assim como muitos outros escritores brasileiros contemporâneos, estava atento às formas literárias que mais se produziam e se consumiam nas últimas décadas do século XIX e, por essa razão, tentou produzir um romance que pudesse atrair o interesse do público-leitor da época que vivia em Belém.¹⁰ Assim como Paulino

¹⁰ De acordo com Germana Sales (2007), o romance-folhetim traduzido ou extraído de

de Brito, outros autores se aventuraram pela produção de romances aos moldes folhetinescos para a imprensa periódica belenense oitocentista, a exemplo de Teodorico Magno e Marques de Carvalho.

Entre o Romantismo e o Naturalismo

Além da produção de romance-folhetim, um gênero não apenas importado de países europeus, como também elaborado em diferentes partes do território brasileiro, escritores radicados na província do Pará envolveram-se em discussões acerca das escolas literárias que se estabeleceram no século XIX tanto na Europa quanto no Brasil, a exemplo do Romantismo e do Naturalismo.

Do grupo dos autores românticos radicados na província do Pará, Paulino de Brito foi, sem dúvida, o maior expoente, em razão das inúmeras produções tanto em verso quanto em prosa que esse escritor amazonense divulgou nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. Desse modo, os jornalistas que se prontificaram a elaborar, em linhas gerais, julgamentos críticos acerca dos trabalhos literários de Paulino de Brito não se eximiram de tecer comentários a respeito da inclinação do autor pelo Romantismo.

No *Diário de Belém* em fevereiro de 1885, Marques de Carvalho, por exemplo, divulgou um ensaio crítico em que traçava um perfil sobre a vida, a prosa e a poesia de Paulino de Brito.¹¹ No segundo fascículo desse ensaio, o autor paraense afirmou que Paulino de Brito escreveu o romance “O homem das serenatas” a partir dos ideais românticos. Vejamos: “No *Homem das Serenatas* Paulino de Brito filiou-se a essa escola sentimental, que se dedica a estudar, a analisar as chagas do coração humano, escola cujo corifeu na França foi Lamartine, o melancólico amante de Graziela...”. Na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém*, também foi publicado, em 23 de setembro de 1888, outro ensaio crítico dedicado a Paulino de Brito, só que dessa vez assinado sob o pseudônimo de RI-DENTE.¹² Nesse trabalho, o autor, assim como Marques de Carvalho, demonstrou-se ressentido com o fato de o escritor amazonense manter-se ainda filiado ao Romantismo. Vejamos: “O único defeito que [Paulino de Brito] tem, e que eu sinto muito, é pertencer ele à velha escola de 1830, cujo descambar já se faz sentir no mundo do pensamento”.

periódicos do Rio de Janeiro foi um gênero predominante nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista. Tal fato, portanto, atesta não apenas a circulação, como também a aceitação dessa forma literária pelo público-leitor da capital paraense do século XIX, sobretudo de autoria francesa.

11 Dividido em quatro fascículos publicados nos dias 24, 25, 26 e 27 de fevereiro de 1885 na coluna *Letras e Artes* do *Diário de Belém*, esse ensaio de Marques de Carvalho foi escrito em homenagem a Paulino de Brito e apresenta como título o nome do amigo e colega de ofício.

12 É válido ressaltarmos que todas as produções que saíram à luz na coluna *Galeria Alegre* do *Diário de Belém* foram assinadas sob o mesmo pseudônimo de RI-DENTE e se apresentavam como publicações de teor crítico-bibliográfico que se prontificavam a oferecer um panorama sobre a produção geral de escritores da Amazônia paraense, como Paulino de Brito, Marques de Carvalho e Frederico Rhossard.

Além de Paulino de Brito, outros escritores radicados na província do Pará produziram diversos contos de acordo com os moldes românticos. No *Diário de Belém*, por exemplo, João de Deus do Rêgo publicou “Isaura” (14 de fevereiro de 1886), “O sepulcro das flores” (30 de maio de 1886), “História de uma judia” (13 de junho de 1886), “A mameluca” (11 de julho de 1886) e “Adélia” (16 de janeiro de 1887). Nesse mesmo jornal, José Sarmanho divulgou “A romântica” (8 de maio de 1886), Frederico Rhossard publicou “Um romance ligeiro” (22 e 24 de agosto de 1886) e Henrique Rhossard lançou “Magdalena” (22 de janeiro de 1888) e “Irmã das flores” (28 de outubro de 1888).

As produções literárias de cunho romântico assinadas por esses autores seguem sempre o mesmo modelo: apresentam protagonistas que sucumbem e falecem por um amor impossibilitado de ser consumado, seja por necessidades financeiras, seja por impedimento familiar, seja por sentimento incorrespondido, seja por ingênua leviandade; exibem personagens que colocam a afeição amorosa acima de qualquer outra instância; associam o amor ao sofrimento, ao remorso, à tristeza e à compaixão; representam a morte como a única saída para a personagem romântica que sofre por amor livrar-se da angústia que tanto lhe atormenta; caracterizam os heróis românticos como modelos indiscutíveis de virtudes e, em algumas ocasiões, totalmente avessos aos vícios; expõem, na maioria das vezes, personagens que se apaixonam à primeira vista apenas a partir de uma troca de olhares e sem nenhuma conversa prévia.

Enquanto na Amazônia paraense durante as duas últimas décadas do século XIX havia, de um lado, escritores que estavam produzindo trabalhos literários aos moldes românticos, encontravam-se, do outro, autores que passaram a menosprezar o Romantismo e começaram a criar afeição pelo Naturalismo. No prefácio do romance “O pajé”, publicado aos pedaços nos primeiros meses do ano de 1887 no rodapé da *República*, Marques de Carvalho, por exemplo, anunciou aos leitores do jornal que cortou definitivamente os laços que o mantinham atados aos ideais românticos. Vejamos: “alienei-me da velha escola romântica, desprezei-lhe os abusos e prolixidades, para deixar-me levar pela grande orientação literária da nossa época”. Na *Arena*, periódico literário e artístico de propriedade do escritor paraense, Marques de Carvalho, lançou, no dia 9 de junho de 1887, a primeira parte do ensaio intitulado “Da crítica literária”, no qual se demonstrou ressentido pelos moços paraenses que “caminham às cegas, vivendo a vida romântica dos atletas de 1830, sem que lhes passe pela mente a lembrança de que o Naturalismo abrirá a nós, moços de hoje, as portas do século XX, com essa grande chave que se chama – *a escola literária dos documentos humanos!*”. No ano seguinte, manifestou-se também a favor dos ideais naturalistas no prefácio da *Hortência*, o único romance do escritor publicado em volume. Em todas essas publicações, Marques de Carvalho apoiou com veemência e entusiasmo o Naturalismo, escola literária que adotou, idealizou, defendeu ferrenhamente e almejou legitimar durante a carreira de escritor.

Além da filiação à escola naturalista, Marques de Carvalho exaltou em periódicos que circularam pela capital paraense a figura de Émile Zola, um dos mais representativos autores do Naturalismo na França. Na segunda parte do ensaio “Da crítica literária”, por exemplo, divulgado na *Arena* em 19 de junho de 1887, o autor paraense, depois de ter sido acusado por PLAN, pseudônimo de um colunista da *Província do Pará*, de demonstrar uma obsessão tanto pelo Naturalismo quanto por Émile Zola, confessou que

A minha inabalável admiração pela escola naturalista em literatura não é só o produto do encantamento em que vivo pelo enorme talento de Émile Zola. É também, e principalmente, porque depois de um longo e profundo inquérito sobre as passadas fases da literatura, cheguei à convicção de que o Naturalismo era, nesta época, uma fatal resultante da Evolução, e a única forma por que a literatura contemporânea poderia satisfazer as exigências do público e da crítica atuais.

Não é sistema, não: é uma opinião arraigada, que já lançou longas raízes, empolgando todo o meu espírito.

Em razão da filiação ao Naturalismo, Marques de Carvalho publicou várias produções de cunho fortemente antirromântico tanto em livros quanto na imprensa periódica belenense oitocentista. A *Hortência*, por exemplo, é um romance elaborado pelo autor paraense aos moldes naturalistas. Nessa obra, a protagonista-título envolve-se sexualmente com o irmão Lourenço, um mulato voluptuoso, e torna-se a sua escrava sexual. Segundo Alvaro Santos Simões Junior (2014), a caracterização do rapaz mantém relação com uma especificidade do Naturalismo brasileiro:

A hereditariedade [...] passa a ser compreendida como pertencimento a uma raça. Para caracterizar o temperamento da personagem, o romancista vincula-a a uma determinada raça [...]. Dessa perspectiva, o mestiço seria, via de regra, sensual, indisciplinado, preguiçoso, violento etc. Em *Hortência*, o mulato Lourenço, além de estuprar a irmã, envolve-se com mulheres casadas, rouba e espanca a mãe, briga com outros homens pelo privilégio de dormir com certas prostitutas, foge da polícia, abandona o trabalho para viver às custas da irmã, entrega-se à bebida e, finalmente, esfaqueia a irmã porque esta não lhe dera dinheiro. (SIMÕES JUNIOR, 2014, p. 41-42)

Além de Marques de Carvalho, outros escritores localizados na

Amazônia paraense se aventuraram pela elaboração de narrativas ficcionais que se contrapunham a uma configuração romântica, a exemplo de Alfredo Pinto e Guilherme Miranda. As produções de cunho antirromântico desses autores foram divulgadas na imprensa periódica belenense oitocentista. No *Diário de Belém*, Alfredo Pinto publicou os seguintes contos: “Um construtor de nuvens” (19 de fevereiro de 1888), “As ligas” (15 de agosto de 1888), “Nuvem por Juno” (26 de agosto de 1888), “Uma troca dos diabos” (23 de setembro de 1888), “Ao relento” (11 de novembro de 1888) e “Queda das nuvens” (13 de janeiro de 1889). No mesmo jornal, Guilherme de Miranda lançou em 2 de setembro de 1888 o conto “Ao luar”. Nesses trabalhos, quase todas as personagens desconsideram completamente o amor ou colocam esse sentimento num patamar inferior em relação aos instintos sexuais, ao dinheiro, aos interesses sociais e às relações de poder; quando são inseridas personagens que apresentam uma feição romântica, esses seres de papel e tinta são facilmente enganados, menosprezados e até mesmo ridicularizados; os protagonistas, na maioria das vezes, apresentam vícios e cometem atos imorais; quase sempre os desfechos dos enredos não manifestam uma situação favorável, pois algum(ns) personagem(ns) sofre(m) um desengano, uma decepção, uma perda ou uma contrariedade; predominam situações ordinárias, cotidianas e domésticas, como as brigas de casais, as traições, o abandono e as decepções amorosas; pode ser encontrado um certo tom cômico e irônico.

A partir das produções literárias dispersas em periódicos belenenses oitocentistas, pudemos constatar que, durante as duas últimas décadas do século XIX, foram publicadas narrativas ficcionais escritas pela pena de escritores radicados na Amazônia paraense com uma configuração tanto romântica quanto antirromântica. Essa constatação, portanto, demonstra que trabalhos literários elaborados por esses autores tanto inspirados no Romantismo quanto orientados por outros estilos de época coexistiam nas páginas da imprensa da capital paraense no final do Oitocentos.

Encerrando a conversa...

Desse modo, podemos assegurar que havia na província do Pará durante o século XIX – para muito além do que consta nas histórias literárias – um conjunto de escritores empenhados em construir uma literatura nessa parte do país. A partir dos meios mais acessíveis ao bolso e das estratégias de divulgação de obras, esses autores dedicaram-se à produção literária e aventuraram-se pelo cultivo de alguns gêneros literários, a exemplo da poesia, do conto e do romance, publicados tanto em periódicos quanto em livros. Esses homens de letras demonstravam que estavam atentos às tendências, às novidades e às discussões literárias da época, não apenas no Brasil, como também na Europa, pois publicaram poesias, contos e romances nas páginas da imprensa periódica belenense oitocentista,

recorreram ao regime de subscrição para a impressão de livros, enviaram a jornais de diferentes partes do país exemplares das obras editadas em volume para que obtivessem projeção nacional, lançaram romances no rodapé das páginas de periódicos aos moldes folhetinescos e conheciam os debates em torno das escolas literárias que se difundiram no século XIX. Todas essas estratégias, portanto, insinuam que escritores radicados na Amazônia paraense durante o Oitocentos sabiam muito bem o que acontecia no mundo literário, seja em nível nacional, seja em nível internacional.

Referências

AMORA, Antônio Soares. *História da literatura brasileira*. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

AZEVEDO, José Eustáquio de. *Literatura paraense*. 3. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves; Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
_____. *Antologia Amazônica: poetas paraenses*. 3. ed. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1918.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7. vols.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos (1750-1880)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.
_____; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira: história e antologia*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 2. vols.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 2. vols.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 13. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.

COUTINHO, Afrânio (org.). *A literatura no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Global, 2004. 6. vols.
_____; SOUSA, José Galante de (orgs.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2. ed. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional/

DNL: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2. vols.

FERREIRA, Marcela. *Inglês de Sousa: imprensa, literatura e Realismo*. 2015. 307 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Assis, 2015.

LINHARES, Temístocles. *História crítica do romance brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

LINS, José dos Santos. *Seleção literária do Amazonas*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 1966.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MEIRA, Clóvis; ILDONE, José; CASTRO, Acyr (orgs.). *Introdução à literatura no Pará: antologia*. Belém: CEJUP, 1990. 8. vols.

MELLO, Anísio. *Lira amazônica: antologia*. São Paulo: Correio do Norte, 1965.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1969. 5. vols.

MERCHIOR, José Guilherme. *Breve história da literatura brasileira: De Anchieta a Euclides*. 4. ed. São Paulo: Realizações, 2014.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1985–1989. 5. vols.

NADAF, Yasmin Jamil. O romance-folhetim francês no Brasil: um percurso histórico. *Letras (UFSM)*, v. 39, p. 119–138, 2009.

NEJAR, Carlos. *História da literatura brasileira: Da Carta de Caminha aos contemporâneos*. São Paulo: Leya, 2011.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: Prosa de ficção (de 1870 a 1920)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

ROCQUE, Carlos. *Grande enciclopédia da Amazônia*. Belém: AMEL, 1968. 6. vols.

_____. *Antologia da cultura amazônica*. Belém: Amazônia Edições Culturais

Ltda. (AMADA), 1970. 9. vols.

ROMERO, Sílvio. *História da literatura brasileira*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1980. 5. vols.

RONCARI, Luiz. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. *Entrelaces* (UFC), v. 1, p. 44-56, 2007.

SIMÕES JUNIOR, Alvaro Santos. Entre Zola e Eça: o Naturalismo brasileiro em seu apogeu (1888). In: _____. *Estudos de literatura e imprensa*. São Paulo: UNESP, 2014.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 10. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2002.

SOUZA, Márcio. Literatura na Amazônia ou literatura amazônica? *Sentidos da Cultura*, Belém, n. 1, v. 1, p. 25-30, jul./dez. 2014.

STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Trad. Pérola de Carvalho e Alice Kyoko. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

26 VERÍSSIMO, Érico. *Breve história da literatura brasileira*. Trad. Maria da Glória Bordini. São Paulo: Globo, 1995.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira: de Bento Teixeira (1601) a Machado de Assis (1908)*. São Paulo: Letras & Letras, 1998.

Submetido em: 29/06/2019

Aceito em: 28/10/2019